

# Escreva connosco

## O 25 de Abril na Pontinha

A propósito do artigo da autoria de J.C. Vasconcelos intitulado «o 25 de Abril no Posto de Comando do MFA na Pontinha» e da resposta que o mesmo mereceu da parte do comandante Louçã, cumpre-me o dever de tornar público o meu modesto testemunho sobre a personalidade daquele oficial.

Em 1971, ao ser mobilizado como subtenente da Reserva Naval, para a Guiné, o comandante da Reserva Marítima daquela antiga colónia, chamou-me por causa de uma «má informação» que eu tinha da PIDE/DGS. Zelosamente, explicou-me o comodoro que não toleraria atitudes que pudessem merecer a censura da polícia política e também me informou que os meus actos seriam vigiados como eram os de outras pessoas que estavam nas minhas condições.

Pelo mesmo motivo, o comandante Louçã — então chefe do Estado-Maior da Defesa VI, da Guiné — também me chamou. Mas para afirmar o seu desprezo pela polícia política e por tudo quanto dela emanava e, para me oferecer o seu apoio em eventuais dificuldades causadas pela tal «informação».

Atitudes destas não eram, como todos sabemos, muito vulgares nas Forças Armadas e, muito menos, partindo de oficiais superiores.

Ignoro as razões que levaram o imediato e outros oficiais da fragata «Alm. Gago Coutinho» a marginalizarem o comandante Louçã do conhecimento do movimento que estava a acontecer, mas certamente que não incluem nelas o desconhecimento da idoneidade política e moral daquele oficial. Efectivamente eram conhecidas na Armada por exemplo os factos apontados por J.C. Vasconcelos referentes à discordância do comandante Louçã com a política do ex-general Spínola como governador da Guiné e, nomeadamente, a condenação frontal que fez da invasão de Conakry. Mas o que parece mais importante frisar é que inúmeros oficiais da Armada não poderiam desconhecer que a idoneidade do comandante Louçã o impediria sempre de colaborar num movimento que supusesse encabeçado pelo ex-general Spínola e, é bom recordar que antes do 25 de Abril de 74 a ideia que pairava sobre o País era a da iminência de um golpe de Estado spinolista.

Termino chamando a atenção para esta ironia: o Movimento que nos libertou do fascismo, logo no seu primeiro dia caiu demolidor sobre alguém que desejava ardentemente a morte de tão odioso regime.

Ironia dramática, porque gerada por equívocos que, estranhamente, ninguém desfaz.

Francisco A. O. Baptista  
Lisboa

## Que estratégia para neutralizar o separatismo?

Aqui, nos Açores, os fascistas-separatistas continuam a fazer o que lhes dá na real gana, a pretexto da «independência». Não vou falar em questões económicas, mas sim dentro do campo político-social. Além de terem uma prática puramente nazista, os separatistas gozam da conciliação que a burguesia está a fazer a nível nacional. Vejamos: têm a cobertura do Governo Regional, liderado por Mota Amaral, que opta por uma «independência» via pacífica, caso Sá Carneiro não tome conta do Governo, pois quando a situação se agudiza, Mota Amaral não pode tapar a sua faceta nitidamente separatista, porque as suas bases são mobil-

zadas pelos separatistas (muito mais activos); e aliás, como Mota Amaral já se sentou na banca da ANP-fascista e, depois tornou a sentar-se na Assembleia após o 25 de Abril, é natural que não queira pôr em perigo a sua vocação (e vocações não se discutem). Por sua vez, o Governo Regional não deixa de fazer parte do PPD-nacional e então temos a conciliação feita por natureza; a nível nacional, temos o Governo de Mário Soares a inclinar-se cada vez mais para a direita-PPD.

(Ora nota-se uma série de conciliações (em escadinha) que os separatistas-fascistas estão a aproveitar e que podem mesmo trazer muitos dissabores ao povo açoreano, não esquecendo a crise económica que atinge o País, que é campo propício ao fascismo.

Eu compreendo que o Partido

Socia  
quer  
que,  
des  
atalh  
tão  
polít  
tégia  
para  
Pc  
açori  
man  
deste  
caso  
ta te  
nua  
ver e  
rope  
a de  
a res  
feita  
mo f  
a dir  
se d  
nas.

"O JORNAL"  
16-7-77  
a pp. 21

